

TRANSCRIÇÃO

IGUAPE: ESPLENDOR E DECADÊNCIA

Antonio Paulino de Almeida

Somente à luz da história ou por meio da tradição é possível conhecer-se a importância que chegou a ter Iguape nos tempos provinciais. E como prova do que foi outrora a histórica cidade paulista, ainda ali podem ser observadas algumas de suas construções que são um atestado vivo de sua antiga riqueza e opulência.

Essa época feliz não foi por certo a da mineração do ouro, mas sim ao tempo em que se afervorou o trabalho nos estaleiros de construções navais, quando mais intenso se tornou o transporte de mercadorias por intermédio do seu porto, que desfrutou durante largos anos a primazia de entreposto comercial dessa vastíssima região sul paulista, a primeira a ser povoada na Capitania de São Vicente.

Se ainda hoje percorrermos as suas ruas, diante dos monumentos que ali existem, sentiremos nosso espírito transportado para os dias que longe vão, observando a suntuosidade de algumas daquelas ruínas que testemunham a grandeza passada, quando os seus filhos cheios de fé puderam levar a efeito tantas obras de vulto como esse templo majestoso, que é a Igreja Matriz do Senhor Bom Jesus, além de outras sólidas construções que denotam a abastança em que viviam os seus proprietários.

Foi durante esse período, que chegou a alcançar os últimos tempos do Império, que tiveram princípio as freguesias de Juquiá, Praia e Jucupiranga, em território de seu município.

Era Iguape, então, uma cidade de aspecto agradável, com regular movimento e dotada de muitos recursos. Possuindo já elevado número de habitantes, mesmo durante a noite apresentava-se movimentada, pois que, quando os grandes estabelecimentos comerciais cerravam as suas portas, abriam-se os salões de festas e os centros de estudos, onde se reunia a sociedade local. Centro receptor e ao mesmo tempo exportador de toda a zona da Ribeira, podemos afirmar, tinha Iguape vida própria, pois além de um comércio adiantado, contava ainda com uma indústria bastante apreciável, em que se destacavam grandes e importantes engenhos centrais, destinados ao benefício do arroz. Possuía diversos jornais superiormente dirigidos, que além de assuntos de interesse do município, publicavam importantes trabalhos sobre a história e ciências. A sociedade iguapense contava em seu seio com elementos representativos, havendo uma plêiade de jovens que pertencendo aos clubes literários não deixavam de se interessar pelos assuntos de história, música e pintura.

Esse período progressista prolongou-se ainda por muitos anos, até que, com o prolongamento da Estrada de Ferro Sorocabana atravessando a região do Planalto e, conseqüentemente, provocando o desvio de grande parte de mercadorias para Santos e São Paulo, a obstrução do porto pelas areias arrastadas pelo Ribeira e, por último, pela construção da linha férrea Santos-Juquiá, muito se ressentiu a cidade de Iguape, verificando-se então um verdadeiro êxodo da população.

E isso porque a maior parte da produção procedente não só do próprio município, como de toda a região ribeirinha, e que até então se encaminhava para a cidade, de onde era reexportada principalmente para o Rio de Janeiro, passou a ser conduzida pela estrada de ferro, o que fez com que os vapores que, até então, freqüentavam o seu porto desaparecessem como quê por encanto, mesmo porque quase toda a importação destinada às vilas e cidades da região passou a ser feita pelo Juquiá.

Semelhante estado de coisas acentou-se, de tal modo, que nos últimos anos o porto que era freqüentado por vapores de três ou quatro companhias de navegação, além de outras embarcações pertencentes a particulares, perdeu o seu costumado movimento, rareando ali até mesmo as pequeninas embarcações à vela, antes muito freqüentes.

Em meados do século XIX — portanto muitos anos antes da abertura do Valo Grande — com o desenvolvimento da produção tornou-se evidente a dificuldade de meios de transportes, pois o emprego das grandes canoas arrastando-se vagarosa e perigosamente pelas águas do Ribeira, muitas vezes navegando mais de 150 quilômetros rio acima, já não satisfazia às necessidades da região. Assim, foi necessário o emprego de embarcações maiores e principalmente mais rápidas e seguras, o que somente seria conseguido por meio da navegação a vapor, já então em pleno desenvolvimento pelo litoral.

(O Ribeira de Iguape, em "Revista do Arquivo Municipal", vol. 102, págs. 30/31. São Paulo, abril/maio, 1945.)

*

*

*